

## MALÍCIAS DO PANO VERDE

ANGELINA

Sandra Lyon

Do lado de lá da rua, a preta que se chamava Olinda chegou, ajeitou o seu carrinho de coisas, o lenço de seda colorido amarrado na cabeça. Ali, vendia pipoca, amendoim torrado, algodão doce nas noites à luz do cinema na Santa Efigênia. A negra do Manuelão: ela, faceira, rebolado macio num corpo que desnor-teava, confundia.

Ele, malandro de risinho safado que vivia nas rodas de jogo, no fogo dos bilhares suburbanos. As bolas, na mesa coberta de verde, batiam-se em ruídos secos e as cores multiplicavam-se, encontravam-se, combinavam-se, depois largavam-se, tontas.

Olhos fundos em rostos magros, pálidos daqueles que comem mal, dormem pouco, os homens vadios povoavam os bares à tardinha. Nessa hora as ruas parecem inchar: é a pressa. As buzinas exigem passagem, carros e gentes apertam-se nas ruas, de repente iluminadas pelos letreiros dos anúncios que se acendem, apagam-se, acendem-se.

Manuelão era o dono da bola. Cheio de malandragem, manha e picardia, escolhe tacos enfileirados no canto do salão. Assim o jogo iniciava em tacadas cruzando olhos bobos no verde das mesas, o hos nas bolas, vigilantes. O jogo crescia, castigava. E as apostas da roda corriam, aumentavam e dobravam em torno da malícia das mesas.

Vinha fervendo o sangue na raiva: Olinda apareceu em meio ao salão, através da cortina verde. E falou baixo, falou humilde no medo de colocar tudo a perder. Vinha de paz, com a intenção declarada, firme de levar Manuelão para casa, para o seu aconchego e abraço. Dia após dia tinha aturado, aguentado muita ofensa, maltratos e deboche. Patife!, se quisesse, poderia agora lhe dizer tremendos desaforos.

Manuelão ria, o que sabia fazer era rir. Era trapacear, gostava era de folga e prosa fiada. O que machucava Olinda na pele era ver seu dinheiro contado, recontadinho, e que juntara dia após dia, ir minguando, sumir. Quando perdia tudo, voltava murcho, voltava para ela como menino vadio. Chegava sorrateiro, dava-lhe beijos estalados nos peitos, falava manso enquanto as mãos desciam lentas, errantes por aquelas ancas roxas, que mexiam indo e vindo, num movimento cadenciado, manhoso.

Ofendida, o coração partido em dois, Olinda, num golpe, está de novo na rua. Lá dentro, o jogo recomeça ganhando desenvoltura.

Traquinagem natural de jogo: Manuelão cresceu pouco a pouco, ficou agressivo, certo, total. Embocava de um só golpe, de estalo bola seis, depois bola sete na caçapa do canto. E vem a trapaça dissimulada, furtos de pontos no marcador. A meio palmo já, bola branca deslizando macio no pano verde: fechava o jogo ali. O parceiro batido, estraçalhado se enfezou. Corja de ladrões! E foi ali um deus nos acuda de tanta pancadaria.

Agora: a viatura da polícia roncava nas ruas do subúrbio, próxima. Manuelão encostado no muro pensou com ternura no corpo lúcido, morno da negra Olinda, e só tinha uma intenção: fugir.